

EDITORIAL

Um dos mais graves equívocos de muitas avaliações institucionais é supor, por certo só implicitamente, mas com graves conseqüências, que a universidade é uma instituição a-histórica. Portanto, imutável e não sujeita a crises de natureza essencial. Assim, seus fracassos como instituição se atribuiriam somente aos defeitos dos indivíduos que nela trabalham e à ineficácia ou má qualidade de suas ações. Entender a universidade como instituição imutável é uma eficiente maneira de se evitar qualquer questionamento quanto aos sentidos e funções essenciais da universidade que vêm sendo construído historicamente e de colocar a questão de seu significante nos dias atuais. As mudanças no contexto são hoje de altíssima velocidade e permeabilidade, de modo que a universidade não poderia deixar de estar também ela em transformação e em crise. As avaliações das universidades não podem ser praticadas como se o universo universitário permanecesse fixo e alheio aos terremotos da pós-modernidade, da globalização e do que mais queiram chamar estes tempos que vivemos.

A avaliação institucional não pode restringir-se a saber, por exemplo, se o professor ensinou adequadamente e o estudante aprendeu bem determinada matéria. Se assim fazemos, estamos afirmando que esta relação tradicional de professor-conteúdo-método-estudante é ela mesma imutável e inquestionável. Em outras palavras, não teríamos dúvidas quanto à adequação do que está sendo praticado como ciência (o conhecimento) e como pedagogia (métodos e valores, enfim, a formação). Espontaneamente, isto é, sem questionamento, mas com grande impacto na realização da responsabilidade social da universidade, estaríamos confirmando a validade da formação produzida na instituição, validando sem dúvidas e estranhamentos os tradicionais cursos e carreiras, os perfis profissionais e as próprias profissões, enfim, o mundo social e econômico tal como sempre o conhecemos, sem suspeitarmos que talvez o mundo já não seja o mesmo que pensamos ser e por certo não é o que queremos construir. A pergunta adequada é, pois, fundamental para a avaliação. Não convém perguntar somente quanta e qual pesquisa se produz. Mais que isso, precisamos perguntar pelo sentido da pesquisa não apenas tendo por referente a sociedade atual, mas também (sobretudo?) a sociedade que queremos construir para o futuro. Não basta, portanto, perguntar como está sendo feito o que rotineiramente se faz na universidade. É, antes, necessário perguntar o

que é hoje a universidade, quais as suas crises, quais os seus novos papéis, quais os sentidos de suas relações com o mundo social e econômico em vertiginosas e profundas transformações e só depois, consistentemente, perguntar o que e como a universidade está fazendo.

Este quinto número de *Avaliação* traz importantes reflexões nessa direção. Os diversos textos carregam uma forte preocupação com ao menos duas questões, que aliás se combinam: os sentidos da transformação e da qualidade. A avaliação é um instrumento não só de análise mas também de produção de uma instituição que também está em processo de construção, portanto, em permanente transformação. Por isso, dado seu caráter pedagógico, a avaliação institucional tem a ver não só com o passado, mas sobretudo com o futuro.

Pedro Goergen insere a questão da avaliação na temática da pós-modernidade. Suas reflexões e preocupações são absolutamente indispensáveis para os processos avaliativos. Afinal, a pergunta fundamental da avaliação, se for mal formulada, porque fundada em pressupostos equivocados ou ultrapassados, pode inquinhar toda a avaliação. Diz Goergen que a universidade que conhecemos é uma instituição que se alicerça nos pilares básicos do Iluminismo, que são o Estado e a Razão. Daí derivam as duas principais vertentes, cujos modelos são a universidade de Paris (1806) e a de Berlim (1810), também conhecidas uma como napoleônica e outra, humboldtiana. Ora, o poder do Estado-Nação e o exercício da racionalidade moderna estão em crise e desestabilizam a universidade. A avaliação institucional não pode, pois, evitar a pergunta: o que significa para a universidade a crise da modernidade? À avaliação se deve colocar, então, a exigência fundamental de perguntar pelo sentido da universidade nesta transição entre um modelo já ultrapassado e um modelo ainda em construção e que resultará das contradições e ambigüidades do presente - sobre as quais é necessário refletir.

Refletir sobre a universidade, nesta travessia agitada dos tempos atuais, é certamente enfrentar uma realidade muito complexa. Como muito bem lembra Ildeu Coêlho, as universidades são perpassadas pelas contradições sociais. Qual o sentido de uma universidade pública e que avaliação atenderia a seus compromissos? Qual o sentido do ensino e da pesquisa na construção do novo, do ponto de vista da sociedade? Ao tomar nas mãos o processo de produção universitária, a avaliação de uma universidade pública não pode deixar de

enfrentar a questão da construção de novas dimensões e sentidos do "público".

Ivo Both reforça a tese de que a avaliação institucional, enquanto processo contínuo e combinando diversas metodologias, contribui significativamente para que as instituições de educação superior repensem suas práticas e seu papel na sociedade.

Nessa mesma direção, J. Tomaz V. Pereira insiste na necessidade de que o processo avaliativo se desenvolva tendo muito claros os critérios, os objetivos gerais e específicos, as idiossincrasias de cada instituição, as características regionais e locais. Isso certamente não é dado acabado, mas um processo em que as revisões, a auto-crítica e as transformações devem ser continuamente contempladas, como busca de melhoria da qualidade.

A qualidade também deve ser pensada em termos de sistema, não só no nível de cada instituição. A contribuição de Carlos Vogt e César Ciacco vai nessa direção. A partir de parâmetros comumente utilizados para avaliar as instituições de educação superior, especialmente os relativos à qualificação docente, os autores concluem que é imprescindível uma política efetiva de apoio institucional ao desenvolvimento acadêmico, cultural, científico e tecnológico das universidades. Coexistem, no Brasil, carência e dificuldade de inserção no mercado de trabalho para pessoal qualificado. Uma das questões relevantes dessa política é a fixação do jovem pesquisador nessas instituições. A avaliação não pode deixar de conhecer essa realidade tão penetrada de discrepâncias.

Mas, que queremos dizer com qualidade - expressão tão corriqueira, mas certamente de semântica escorregadia? Francisco Figaredo e Amílcar Davyt apresentam criticamente o significado que tem para a Unesco a palavra "qualidade". Melhor dizendo, os significados, pois destacam algumas contradições nas diversas passagens analisadas. Como contribuição especial à avaliação institucional, salientam a importância de esses processos buscarem a construção de qualidade como realização global das diversas dimensões da universidade, em especial de sua pertinência.

A ciência moderna nos acostumou a desenvolver e praticar muitas falsas dicotomias. Uma delas é a oposição criada entre o quantitativo e o qualitativo. Essa é

uma questão decisiva na avaliação institucional. O mais comum é vermos processos avaliativos pendidos demasiadamente ao quantitativo, com obsessão pela "objetividade" das estatísticas, ora francamente qualitativos, com declarações favoráveis à "subjetividade", como se em um ou em outro estivesse a verdade. Waldemar Marques traz essa questão à avaliação institucional, mostrando limites e qualidades de uma e outra, e sobretudo destaca a necessidade de superação dessa falsa oposição. Quantitativo e qualitativo se complementam. Mas, vale perguntar, estamos reforçando as antigas práticas das grandes estatísticas e seus efeitos como instrumentos de premiação e punição, ou estamos propensos a fortalecer a construção de diálogos críticos, amparados por uma visão de complexidade que os fatos sociais exigem? Esta é uma grande questão que o autor deixa pender.

Vera Lúcia Bazzo e Mércles Thadeu Moretti descrevem sobre a implantação do sub-projeto "fala o ex-aluno" do Programa de Avaliação Institucional da UFSC. Dificuldades, metodologia e uma leitura dos resultados são apresentados.

Com algumas Citações & Referências, completamos este número, que esperamos venha a contribuir um pouco para a consolidação do campo teórico e prático da avaliação institucional no Brasil. Esta, aliás, é uma tarefa que compete a todos nós que queremos fortalecer e melhorar as instituições de educação superior brasileiras.

Finalmente, informamos uma vez mais aos prezados leitores que duas páginas de interesse da avaliação institucional estão disponíveis na internet. 1. Pode-se ter acesso a esta revista através do seguinte endereço: <http://www.mtm.ufsc.br/~raies>. 2. O MEC/SESU dispõe de uma página, cujo endereço provisório é http://www.ie.ufrj.br/mec_sesu.paiub, que permite acesso a relatórios sucintos dos processos de avaliação de várias instituições. As IES que pertencem ao PAIUB e que queiram divulgar seus relatórios nessa página podem encaminhar sua autorização, acessando o e-mail: biel@mayra.iq.ufrj.br

José Dias Sobrinho
Editor